

PORCELANA DE ENCOMENDA OU LOUÇA ENCOMENDADA DA CHINA

A porcelana, material que continua a fascinar-nos pela beleza e qualidades que possui, deve-se a uma das mais brilhantes e requintadas civilizações que o Homem criou: — a China. Terá sido na dinastia T'ang (608-907) que a porcelana apareceu pelo aperfeiçoamento do Grês, com uma pasta onde entra de forma indispensável o caolino.

A palavra porcelana, utilizada em quase todas as línguas da Europa, é originalmente um vocábulo latino, português ou italiano, que nomeava um molusco com uma concha semelhante de aspecto à louça importada da China pelos portugueses no séc. XVI. Palavras derivadas de porcelana são utilizadas em quase todas as línguas para a nomear; peculiarmente em Inglês, usa-se a palavra «China» para a porcelana, possivelmente como homenagem ao país onde primeiro foi composta.

Embora as porcelanas, como outros produtos preciosos, chegassem à Europa pelas diversas rotas que sempre a ligaram à Ásia, é com a descoberta do caminho marítimo para a Índia pelos Portugueses que essa cerâmica é exportada em quantidades significativas para a Cristandade. Este precioso material vai obter grande êxito junto das classes ricas e cultas, substituindo parcialmente as baixelas e faiança, prata ou ouro utilizado até ao séc. XVI.

A China, além de copioso fabrico para consumo interno, onde havia a perfeita noção da sua alta qualidade, produzia porcelanas para o extremo e próximo Oriente, no entanto é com os Portugueses que se inicia uma das mais interessantes porcelanas destinadas à exportação. Estamos assim perante a porcelana de «encomenda», esses deliciosos híbridos de duas mentalidades e culturas.

Tendo os Portugueses tomado Malaca em 1511, poucos anos depois de Vasco da Gama ter chegado à Índia, lançaram-se em audaciosas expedições para a China, sendo os nossos barcos os

primeiros do Ocidente a tocar as margens míticas do «Celeste Império». Em 1557 é dada autorização aos portugueses para se estabelecerem em Macau, que se torna o grande centro de exportação de porcelana. Existem dois jarros desta época destinada ao Rei D. Manuel I, ostentado a esfera armilar (Art. 26, Col. Medina e Almeida — Lisboa. Pág. 141).



14

Jarro

de cor azul com esfera armilar e armas de D. Manuel I (séc. XVI). Alt. 26 cm. Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa.

Esta peça, é não apenas das primeiras porcelanas de encomenda, mas a predecessora de todas as peças brasonadas que irão satisfazer o gosto estético e o orgulho da aristocracia europeia, durante três séculos.

No séc. XVI o comércio florescente dos Portugueses fez de Lisboa o grande mercado de produtos do Oriente. Daí eram distribuídos por toda a Europa pelos Holandeses.

A evidência do prazer provocado pela porcelana, está documentado pelos presentes do Rei D. Manuel I a membros da Casa Real. Também o Cardeal D. Henrique, ainda Infante, mandou diversas peças de «louça da Índia» ao Papa Pio IV, por sugestão do Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que estivera em Roma por ocasião do Concílio de Trento.

A importação de louça da China para Portugal e para o Brasil mantém-se em quantidade e prestígio, mesmo nos fins do séc. XVIII, quando o resto da Europa passa a preferir as porcelanas Europeias. É desta época o notável e célebre serviço do Bispo do Porto, D. Frei António de Castro, de que o Museu Nogueira da Silva possui um prato com o n.º 26 na vitrine de louça brasonada. Podem referir-se

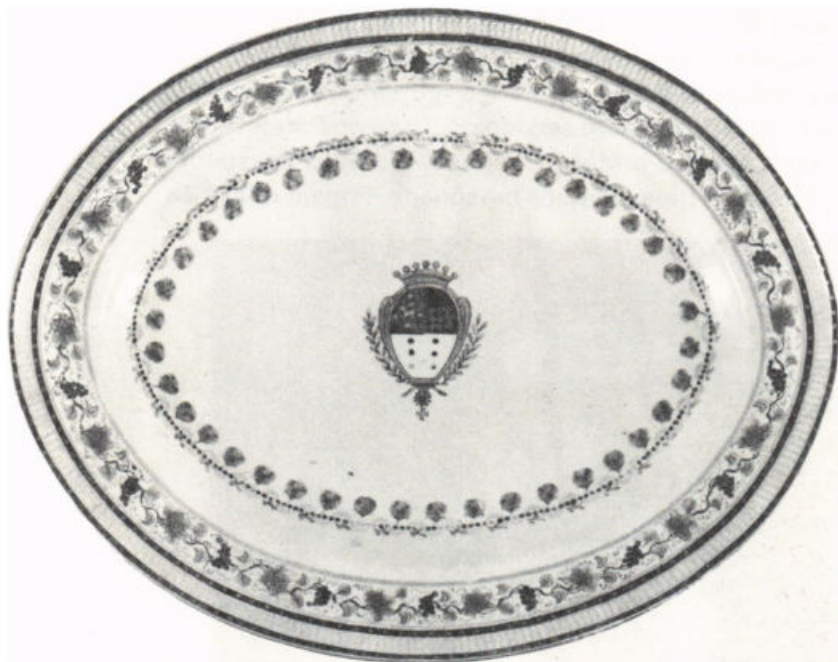


15

Prato dos fins do séc. XVIII
 com as armas do Bispo do Porto D. Frei Ant
 de Castro (Resende). (26)

nesta mesma colecção e no mesmo gosto e época o conjunto da família Sande e Castro n.º 30 ou o encantador cesto do serviço da família Rangel, cujo erro heráldico, a coroa real em vez do coronel de nobreza, tornam uma peça rara (n.º 20). Na secção da louça com figuras Europeias, refere-se especialmente o prato com um par de amantes em «pose» à antiga tão do agrado da época n.º 45, a poncheira com a deusa Diana e uma caçada a cavalo, pintado em «grisaille» e ainda o prato representando um piquenique entre ruínas, cena que anuncia claramente a sensibilidade Romântica n.º 47.

Na mesma secção existem dois pratos, n.ºs 51 e 52, que se costumam chamar «Jesuítas», são pintados em «grisaille», e têm



Travessa

*com as armas da família Sande de Castro, séc.
XVIII. (30)*

16



Pequeno cesto vasado

*de um serviço da família Rangel, (Visconde de
Beire), séc. XVIII. (Número 20).*



*Prato com decoração «à antiga»
com influência dos temas mitológicos — sé
XVIII. (45)*

temas religiosos. Tradicionalmente a sua encomenda era atribuída à Companhia de Jesus, sabe-se no entanto que os temas religiosos e a pintura, em tons cinzentos, não eram um exclusivo da Ordem de St. Inácio, sem se desmentir que a Companhia de Jesus tenha feito encomenda de porcelana, dada a sua importância na missão do Oriente, da estima muito especial de que gozaram junto dos imperadores Chineses e da empatia, fascínio e respeito que a Civilização Oriental exerceu sobre estes religiosos.

No ano de 1709 e devido à pesquisa feita especialmente na Alemanha, consegue-se em Meissen, Saxe, descobrir a composição e fabrico de porcelana.

A fábrica de Meissen, com a protecção do Rei Augusto, Eleitor de Saxe, alcança rapidamente uma altíssima qualidade e correspondente prestígio. Inicialmente, Meissen inspira-se nos modelos vindos da China, depois lança modelos próprios que se tornam grande moda nos meios mais requintados da Europa. Devido ao êxito de Meissen e aos preços altíssimos dessa louça, fazem-se encomendas na China ao gosto de Meissen, que são por vezes difíceis de distinguir do modelo original. Uma dessas peças pode ser apreciada na vitrine com o n.º 50, da colecção N.S. A chavena com o seu pires são tanto mais curiosos, quanto a mistificação foi ao ponto, de lhe colocarem as iniciais do Rei Augusto de Saxe. Depois dos Alemães foram os Franceses a conseguir a celebrada pasta, primeiro em Vincennes e depois em Sevres. Portugal, devido ao prestígio que a louça da China mantinha, ao nosso conservado-



18





Prato

vulgarmente chamado «Jesuita»
representando o nascimento de Cristo, fins do
séc. XVII, início do séc. XVIII. (51)

Prato

representando as núpcias de Dafné e Cloé,
produção de uma gravura de B. Audran sobre
um desenho de Philippe d'Orléans. (47)

Prato

mesmo tipo do anterior mas representando a
crucificação de Cristo, fim do séc. XVII, início do
séc. XVIII. (52)



Chávena com decoração oriental

*mas copiando a porcelana de Meissen, fins do
séc. XVIII. (50)*

20

rismo estrutural, e à dificuldade em encontrar caolino, só consegue o fabrico industrial da porcelana em 1824 na Vista Alegre. Antes, houve experiências várias, numa das quais se enviou caolino português para a China com a esperança de se conseguir o fabrico da porcelana. Dessa experiência resultou o erradamente chamado serviço dos «Meninos de Palhavã», no qual consta esperançosamente: — «Este barro é outro Unicórnico, 1776». A raridade e qualidade do barro são comparadas à do animal fabuloso. Um prato deste misterioso serviço, apesar da Coroa Real e das iniciais, não se sabe quem o encomendou, encontra-se na vitrine da louça da China com figuras Europeias com o n.º 49.

Fabricando os Chineses como se viu louça para consumo interno, quer para exportação para diversíssimas regiões de diversas culturas e dado o sentido comercial que lhes é característico faziam-no de acordo com o gosto dos clientes e as finalidades de encomenda.

A Europa preferia peças próprias para as funções e alimentos habituais da sua civilização e de acordo com a sua própria estética.

Essa porcelana deveria chamar-se «louça encomendada da China», mas a palavra Índia desde cedo se tinha consagrado com o significado geral de Oriente, abrangendo regiões desde a África Oriental até ao Japão e por outro lado sendo a louça vulgarmente comercializada pelas «Companhias» monopólios comerciais, inseridos na política de nacionalismo económico, que se conhece por



Prato

de um serviço conhecido erradamente como pertencendo aos «Meninos de Palhavã» datado de 1776. (49)

Mercantilismo, notabilizou-se internacionalmente com o nome de «Companhia das Índias».

O Comércio de Portugal com o Oriente inclinou-se conforme a situação de expansão ou de retracção económica do Estado, entre o monopólio da Coroa, autêntico mercantilismo «avant la lettre» de D. João II e D. Manuel, à entrega de contratos a particulares. No entanto, no caso das louças, nunca fizeram parte dos monopólios do Estado e foram sempre negociadas livremente, recebendo a Coroa apenas a sua percentagem.

A primeira Companhia Portuguesa das Índias Orientais data de 1587 e dedicou-se sobretudo ao comércio da pimenta. Houve uma segunda tentativa para a criação de uma companhia em 1619 tendo recebido regimento em 1628, foi extinta em 1633 sem grandes resultados. Em 1687 cria-se nova Companhia extinta 12 anos depois com o resultado da primeira.

O Marquês de Pombal, no seu mercantilismo comercial, criou uma nova companhia de Comércio Oriental em 1753 que não obteve grande êxito ao contrário da Companhia das Vinhas do Alto Douro que continua a existir.

De qualquer forma, trazido pelas Companhias por particulares ou ainda por encomenda da Coroa, avaliam-se em 10 milhões o número de peças de porcelana trazida pelos Portugueses.

Lisboa no séc. XVI substituíra em parte Veneza nas ligações com o Oriente sendo depois substituída por Amesterdão. A decadência da Rota do Cabo e a «sêde» de prata da América espanhola para os pagamentos no Oriente prepararam a união dinástica com Castela. Filipe II de Espanha, neto de D. Manuel I, ao tornar-se rei de Portugal obriga a que o país assumia com os outros países Ibéricos a oposição às potências protestantes e capitalistas do Norte. O bloqueio de Lisboa obriga a que os Holandeses, nossos intermediários até então, procurem os portos orientais. Franceses, Ingleses e outros povos vão segui-los. Francisco I de França comentando o Tratado de Tordesilhas já perguntara irónicamente pelo testamento de Cristo para verificar se seriam Portugueses e Castelhanos os herdeiros do Mundo. A concepção do «Mar Livre» impunha-se.

Em 1602 cria-se em Amesterdão a «Verening de Oost Indische Compagnie» (V.O.C.), que organizada com pragmático espírito burguês, rica de capital, parte originário dos judeus portugueses fugidos para a Holanda, vai conhecer grande êxito e prejudicar seriamente o Império Português do Oriente, alicerçado em concepções muito diferentes.

A Companhia Holandesa das Índias Orientais foi o maior fornecedor de porcelana à Europa, avaliam-se em 43 milhões de peças importadas só entre 1724 e 1794.

22

Os Ingleses criam por sua vez em Londres, em 1708, uma Companhia das Índias Orientais que instala em Cantão a sua primeira feitoria. Em pouco mais de um século chegam a Londres 30 milhões de peças. Posteriormente Franceses, Dinamarqueses, Alemães Suecos e mesmo Austríacos, estes a partir do porto Belga de Ostende, tiveram com maior ou menor sucesso a sua Companhia das Índias, de acordo com o mercantilismo e com a paixão da Europa pela «Chinoiserie».

O «rocaille», essa graciosa degenerescência do Barroco, teve uma devoção especial por um Oriente utópico, imaginado para uso de uma sociedade elegante, fútil e requintada que se despedia alegremente do «Antigo Regime» nos pavilhões dos jardins e nas salas de porcelana de alguns grandes palácios da Europa.

O chá, o chocolate e o café tinha-se instalado na boa sociedade e os Chineses fabricavam os serviços para estas bebidas e ainda as baixelas de jantar ao gosto dos Ocidentais. O bule, da coleção N.S. (n.º 56), é um bom exemplar do «rocaille» executado pelos artesões Chineses. Esta peça está longe da austeridade e da pureza dos Celadons da sala Medina repetidos durante séculos pelo gosto



Bule

da Companhia das Índias, de época tardia e tamanho invulgar. (56)

revivalista, conservador e por vezes interesseiro dos Chineses, Celadons que teriam a virtude de anular os venenos servidos em pratos dessa qualidade, pois segundo alguns mudam a côr da louça em contacto com o veneno. Estas peças devem a sua côr a um esmalte variando do verde azulado ao verde-cinza ou ao verde-azeitona. Celadons tão próximos do nosso gosto actual, tão raros e sobretudo tão difíceis de classificar pela permanência do seu fabrico entre os séculos XII e XVIII.



BIBLIOGRAFIA

- «Os Descobrimentos e a Economia Mundial», V.M. Godinho
«Porcelaine de la Compagnie des Indes», M. Burderley
«La Porcelaine des Compagnie des Indes à Decor Occidental», F. et Hervoeret e Ives Brunean
«La Porcelaine Ming», D. Lyon e Goldschmidt
«Louça Brasonada», J. Campos e Sousa
«Cerâmica Brasonada», Conde de Castro Sola
«Chinese Armorial Porcelaine», David S. Howard
«A Companhia das Índias e a Porcelana Chinesa de Encomend José Roberto Teixeira Leite, Fundação Cultural da Bahia 1986

